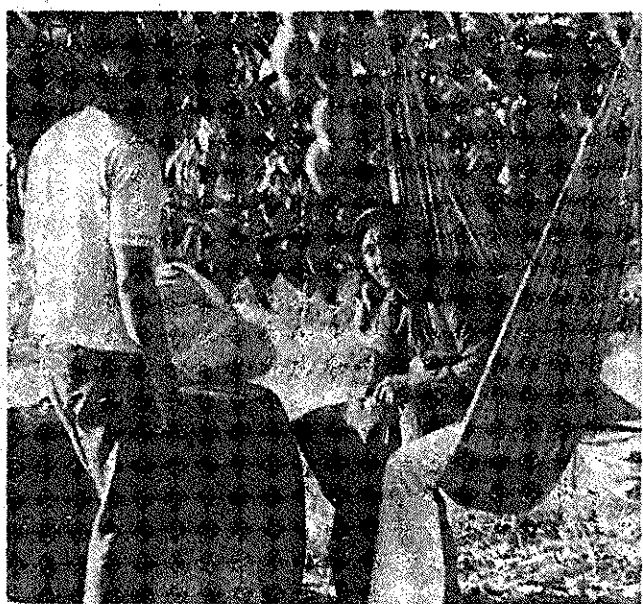


BANCO MUNDIAL FINANCIA A MORTE DOS NAMBIKUARA

O Banco Mundial enviou uma antropóloga de Washington para tentar paralisar a campanha movida internacionalmente contra o Banco pela corresponsabilidade no genocídio do povo Nambikuara ameaçado pela estrada que cortará o Vale do Guaporé. O Banco Mundial considera a estrada irreversível, comungando com a opinião do Governo e fazendeiros interessados em impor a estrada às custas de um povo. Pág. 3



Em Roraima tuxauas não querem acordo com fazendeiros



Em Roraima na região de Surumu os representantes dos povos indígenas decidiram não aceitar em suas terras fazendeiros. (página 4-5)

Dom Pedro fala da Assembléia dos Bispos

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista

Data: março 1981

Class.: 266

Pg.: _____

Banco Mundial recusa apoio aos Nambikuara

CEDI

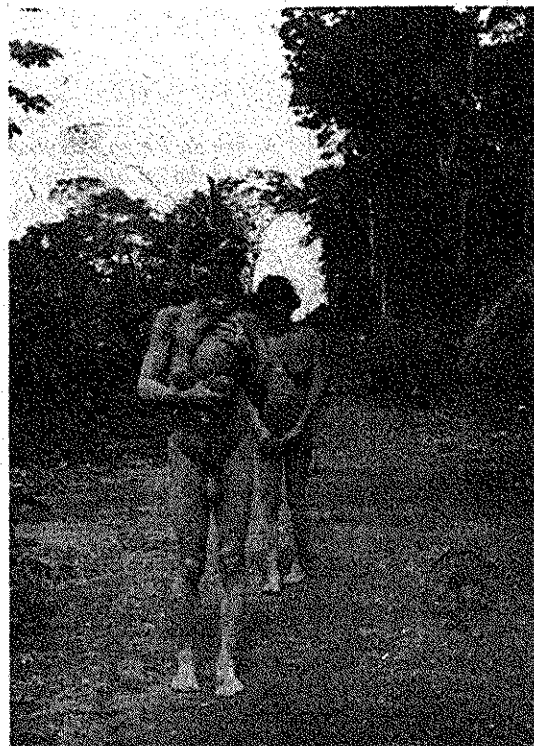
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Berntim*

Class.: 266

Data: *março/81*

Pg.: 03



Jovem Nambikuara: esperança de um povo que renasce das cinzas. (fotos: Vicente Carelli)

O Banco Mundial vem demonstrando que não pretende retirar o financiamento para a construção da variante da Estrada - Cuiabá-Porto Velho que atravessa o Vale do Guaporé (MT) atingindo centralmente o povo Nambikuara. Mas está trabalhando ativamente no sentido de paralisar a ampla campanha a nível internacional que está sendo movida contra o Banco pela corresponsabilidade no genocídio programado aos Nambikuara.

Depois de ter enviado o antropólogo David Price para investigar as condições do povo Nambikuara, o Banco enviou, diretamente de Washington, a antropóloga Marita Koch-Wese que veio propor uma possibilidade de beneficiar os índios em troca do fim da campanha articulada contra o Banco. Convidadas para se reunirem com a antropóloga em reuniões que deveriam ser mantidas em sigilo, as entidades alternativas de apoio ao índio não ouviram nenhuma proposta real para a defesa dos Nambikuara.

DESINFORMADA

Marita Koch-Wese veio desinformada sobre a situação dos Nambikuara porque foi avisada da viagem com apenas dez dias de antecedência e não teve acesso a nenhuma documentação que estava trancada na sala de Mr. Skillings, responsável pela Missão do Brasil.

Utilizando esse condenável jogo de esconde-esconde, Mr. Skillings, guardou nas suas gavetas o Dossiê preparado pela Comissão de Defesa do Povo Nambikuara que relatava todas as violações praticadas pelo governo e sugerindo que a estrada fosse desviada do Vale do Guaporé como única medida capaz

de salvar a vida desse povo. Quanto ao relatório de David Price, não foi aceito pelos dirigentes do Banco, que retiraram todas as críticas contidas à FUNAI. Com este ato, os dirigentes mostraram que confiam no órgão tutor e estão empenhados em mascarar a verdade. David Price não aceitou assinar um relatório cortado e rompeu com o Banco. Esses dois importantes documentos foram parar nas mãos de Mr. Skillings e de lá nunca mais saíram.

Maritta, mesmo desinformada estava muito confiante. A reunião ocorrida, nos dias 3 e 4 de fevereiro/81 começou bastante tensa. Como se todos os membros da Comissão Nambikuara (composta por representantes do CIMI, Pró-Índio, Comissão Yanomami, etc) fosse crianças, a enviada do Bird começou tentando explicar "como se parte um bolo". Ela estava conversando com um grupo extremamente preparado, entre eles o missionário jesuíta Antonio Iasi Junior, ex-secretário do CIMI, o antropólogo Olympio Serra, do Patrimônio Histórico, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e, nem se deu conta da capacidade intelectual do grupo que a cercava.

IRREVERSÍVEL

"Vocês devem entender que a estrada é irreversível e o que se pode fazer, nesta altura, pelo menos a meu ver, é tentar minimizar os efeitos dela. Nesta área haverá desenvolvimento, se financiarmos ou não". Foi o primeiro round. Passada a surpresa e as explicações didáticas ditas com elegância, chegou a resposta: "Uma coisa é certa, vamos continuar nossa campanha, até a última de nossas forças, denunciando o Governo

Brasileiro pelo extermínio dos Nambikuara e o Banco Mundial como corresponsável". A frase de Olympio Serra sintetiza a recusa do grupo em aceitar qualquer tipo de negociação contra a vida de 600 índios que vivem em estado de extrema penúria, cercados por 22 fazendas instaladas no Vale do Guaporé.

O Grupo de entidades alternativas de defesa dos índios passou a apresentar suas propostas. A mais importante delas foi a criação de um grupo misto formado por representantes da sociedade civil, entre estes o Conselho Indigenista Missionário, Associação Brasileira de Antropologia, médicos, etc. Todavia, a proposta mais tarde foi esvaziada pela própria Marita ao informar que o grupo misto para a fiscalização deveria manter "seu relacionamento com a FUNAI". E, para completar, afirmou que "não temos poder de pressão, apenas podemos negociar. Não podemos dizer, por exemplo quem deve participar do grupo, apenas sugerir que ele seja criado".

Se o Banco Mundial esperava poder enganar os brasileiros que militam na defesa da causa indígena, se enganou redondamente: No final, Marita ouviu a disposição de todas as entidades em continuar denunciando a responsabilidade do Banco no genocídio do povo Nambikuara. Como afirmou Eduardo Viveiro de Castro e Olympio Serra, "Vamos continuar denunciando. Nossa posição é a mesma. Também não pensamos em conter o desenvolvimento de Rondônia, apenas tentamos o mínimo para os índios. Eles não são obstáculos para o desenvolvimento. São sociedades viáveis desde que lhes sejam dadas oportunidade de crescerem". Colaboração de Memélia Moreira.

A Política do Banco Mundial

Enquanto a antropóloga Marita tentava convencer as entidades de apoio à causa indígena de desistirem das denúncias contra o Banco o Mr. Skillings discutia nos ministérios da área econômica empréstimos de 47 bilhões de cruzeiros. O Banco Mundial irá financiar projetos de desenvolvimento agropecuário que o Governo planejou através do Programa de Desenvolvimento do Noroeste-Polonoroeste.

É preciso ver essas articulações do Bird no contexto mais amplo das atividades do Banco nos países do Terceiro Mundo, pois desse modo poderemos entender os motivos de o Bird até agora se recusar a suspender o financiamento para a estrada que atravessará o território do povo Nambikuara.

A primeira evidência é que os Estados Unidos possuem a hegemonia nas decisões de financiamento do Bird. Como o peso das decisões é por maior participação de capital, os Estados Unidos, com 25 por cento das ações, manda e desmanda. O Banco tem sido um instrumento subserviente da política norte-americana de controle político e econômico dos países do Terceiro Mundo, portanto, os seus empréstimos tendem a reforçar a dependência desses países aos Estados Unidos.

O Banco Mundial utiliza uma linguagem falsamente progressista, demonstrando uma preocupação com a "pobreza absoluta" das massas rurais dos países subdesenvolvidos. O ex-presidente do Banco Mundial, Robert McNamara tem falado que a "tragédia dos que vivem na pobreza absoluta é que se encontram enquadrados num conjunto de circunstâncias sociais e econômicas das quais não podem escapar pelo próprio esforço". Daí os financiamentos do Bird para eliminar os focos de pobreza. Mas o Banco admite que os pobres seguirão sendo pobres porque sendo pobres, dadas as condições objetivas de classe que não se questionam, não podem deixar de ser pobres. Estão condenados.

Estratégia do Bird

O Banco Mundial, em que pese a retórica de "ajudar" as massas marginalizadas, não deixa de ser um Banco e, portanto, de procurar garantir o retorno dos seus empréstimos. A estratégia do Bird é promover ao máximo o desenvolvimento da agricultura comercial do país. Preferencialmente os produtos agrícolas que possam gerar lucros, o que acontece com o direcionamento da agricultura para a exportação.

Não se deve esquecer também o Banco Mundial financia maciçamente as obras de infraestruturas que permitirão melhor escoamento dessa produção, tais como estradas, redes ferroviárias, portos, hidrelétricas, telecomunicações. São inversões que, em sua maioria reforçam a orientação exportadora da economia.

Uma consequência dessa estratégia é o projeto de liquidação da agricultura de subsistência praticada em larga escala nos Países do Terceiro Mundo. Identificando a agricultura de subsistência com o atraso e tradicionalismo, o Banco Mundial pretende, através da modernização e monetarização da economia rural, atrair os agricultores e de subsistência para a agricultura capitalista.

Até mesmo o Cel. Nobre da Veiga sabe que "não podemos esquecer que a economia do índio é de subsistência, enquanto a nossa visa a acumulação de bens". No caso Nambikuara, optando logicamente pela agricultura das 22 fazendas que serão beneficiadas pela estrada, o Bird também opta pela liquidação da agricultura de subsistência. Só que através da eliminação física dos agricultores, no caso o povo Nambikuara. Pela ótica do Banco, eles são improdutivos a menos que passem a produzir para o mercado ou se transformem em trabalhadores das grandes fazendas.